

**FORMAÇÃO EM NUTRIÇÃO NO BRASIL: ANÁLISE DE ALCANCES E
LIMITES A PARTIR DE UMA REVISÃO DA LITERATURA**Ludmylla de Souza Valverde^aAdriana Miranda Pimentel^bMicheli Dantas Soares^c**Resumo**

A formação em saúde é alvo de interesse nas pesquisas cujos resultados apontam para a necessidade de mudanças. O artigo apresenta um panorama atual da formação em nutrição por meio de uma revisão de literatura. A pesquisa foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas bases de dados LILACS e SciELO no período entre 2000 e 2015, através dos descritores “formação and nutricionistas”, “formação profissional and nutricionistas” e “formação em recursos humanos and nutricionistas”. Parte considerável dos 15 artigos reflete sobre as limitações na formação em nutrição, tais como: escasso diálogo com as ciências humanas; incipiente articulação entre teoria e prática; ênfase no biologicismo e tecnicismo. O material apresenta, também, propostas para a superação dos limites apontados. Com base nesses aspectos, estratégias estão sendo implementadas para enfrentar os principais problemas identificados atualmente na formação de recursos humanos em saúde.

Palavras-chave: Formação em nutrição. Ensino superior. Formação de recursos humanos. Nutricionistas.

^a Nutricionista. Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade. Supervisora de estágios em Nutrição da Universidade Católica do Salvador. Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: ludmyllavalverde@gmail.com

^b Terapeuta Ocupacional. Doutora em Saúde Coletiva. Docente do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: adriana.pimentel@ufba.br

^c Nutricionista. Doutora em Saúde Coletiva. Docente do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil. E-mail: michelid@ufrb.edu.br

Endereço para correspondência: Rua Marieta Alves, n. 314, Itaigara. Salvador, Bahia, Brasil. CEP: 41815-260. E-mail: ludmyllavalverde@gmail.com

NUTRITION TRAINING IN BRAZIL: ANALYSIS OF SCOPE AND LIMITS AND A LITERATURE REVIEW

Abstract

The matter of training in the field of health has caught the interest of research, whose results show a need for reform. This paper presents an overview of training in the field of nutrition at a national level, through a literature review. The search was carried out in the Virtual Library of Health (BVS) in the databases LILACS and SciELO regarding the period 2000–2015 with use of the keywords “*formação AND nutricionistas*”, “*formação profissional AND nutricionistas*” and “*formação AND recursos humanos and nutricionistas*”. Most of the 15 papers reflect about the limitations of training in nutrition, such as the lack of dialogue with soft sciences, the incipient collaboration between theory and practice, and the emphasis on biologicism and technicalities. They also present proposals to overcome the aforementioned limitations. On this basis, strategies are being implemented to tackle the main problems that have been identified in the area of human resource training in healthcare.

Keywords: Training in nutrition. Higher education. Human resources training. Nutritionists.

FORMACIÓN EN NUTRICIÓN EN BRASIL: ANÁLISIS DE ALCANCES Y LÍMITES A PARTIR DE UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA

Resumen

La formación en salud es objeto de interés en las investigaciones cuyos resultados apuntan a la necesidad de cambios. El artículo presenta un panorama actual de la formación en Nutrición por medio de una revisión de literatura. Se realizó una búsqueda en la Biblioteca Virtual en Salud (BVS), en las bases de datos LILACS y SciELO en el período entre 2000 y 2015, utilizando los descriptores “*formación and nutricionistas*”, “*formación profesional and nutricionistas*” y “*formación en recursos humanos and nutricionistas*”. Parte considerable de los 15 artículos refleja sobre las limitaciones en la formación en Nutrición, tales como: escaso diálogo con las ciencias humanas; incipiente articulación entre teoría y práctica; y énfasis en el biologicismo y el tecnicismo. El material presenta también propuestas para la superación de los límites apuntados. Con base en estos aspectos, se están implementando estrategias para enfrentar los principales problemas identificados actualmente en la formación de recursos humanos en salud.

Palabras clave: Formación en nutrición. Enseñanza superior. Formación de recursos humanos. Nutricionistas.

INTRODUÇÃO

A formação em saúde vem sendo alvo de pesquisas no campo científico que consideram as lacunas no atendimento às necessidades de saúde da população e os problemas complexos que se apresentam no âmbito das práticas de saúde. Pereira e Lages¹ afirmam que a formação universitária tem persistido num modelo tradicional de ensino, cuja estruturação curricular é baseada em disciplinas, no protagonismo do processo ensino-aprendizagem focado no(a) professor(a), no uso predominante de metodologias *bancárias* e numa formação especializada e fragmentada. Os principais problemas reconhecidos na literatura científica sobre o tema referem-se a uma formação tecnicista, focada na doença, hospitalocêntrica, especializada e de viés privatizante².

Por meio de uma análise de matrizes curriculares, projetos pedagógicos e ementas dos cursos de saúde, Silveira³ constatou que ocorre predominância dos domínios psicomotor e cognitivo na formação. Para a autora, o domínio cognitivo relaciona-se ao desenvolvimento de capacidades e habilidades intelectuais, enquanto o psicomotor faz referência às habilidades manipulativas. Esse predomínio revela uma formação pouco reflexiva, que não valoriza conhecimentos das demais áreas. A autora afirma que o campo formativo da saúde resiste a incorporar em suas práticas conhecimentos e habilidades oriundos de áreas como a das ciências sociais, o que leva a aprendizados de procedimentos em que conhecimentos e usos dos determinantes sociais em saúde são pouco valorizados.

Ceccim e Feuerwerker⁴ vêm desenvolvendo trabalhos sobre a temática com o intuito de pautar a integralidade da atenção como elemento central na formação dos profissionais de saúde. Em que pesem as lacunas persistentes, Canesqui^{5:83} afirma que parece estar vivo o interesse pelo tema formação de recursos humanos em saúde, com o retorno das “[...] discussões sobre o currículo e a capacitação de profissionais para o Sistema Único de Saúde, tanto quanto as reavaliações sobre os vários níveis de ensino”. Os processos formativos precisam estar comprometidos com os dilemas da realidade brasileira, abordando aspectos éticos e políticos dos problemas.

Em face do reconhecimento da relevância dessa temática tanto no campo da formação como de seus desdobramentos nas práticas de saúde, a questão que orientou a realização deste estudo foi reconhecer quais os alcances e limites do processo formativo em nutrição com base numa revisão de literatura. Assim, este artigo tem o objetivo de apresentar um panorama sobre a atual formação em nutrição no contexto nacional a partir de uma revisão da literatura dos últimos 15 anos.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma revisão da literatura sobre o tema formação em nutrição no Brasil. O trabalho foi elaborado a partir da análise dos artigos acessados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando as bases de dados de literatura científica LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e SciELO (Scientific Electronic Library Online).

A fase de coleta de dados ocorreu em agosto de 2015. Foi realizado um levantamento bibliográfico do período de 2000 a 2015, recorte temporal escolhido aleatoriamente. Os descritores foram selecionados com base na terminologia em saúde consultada nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS-BIREME). Por meio do operador booleano “and”, observou-se o seguinte esquema: “formação and nutricionistas”, “formação profissional and nutricionistas” e “formação em recursos humanos and nutricionistas”. É importante salientar a possibilidade de perda de estudos, em virtude do emprego de indexadores distintos ou da incongruência entre a formulação do título e o escopo do estudo/artigo.

Como resultado da pesquisa, foram identificados 216 trabalhos potenciais para o estudo. A seleção dos trabalhos obedeceu às seguintes etapas: (1) leitura dos títulos para a exclusão dos repetidos; (2) leitura dos resumos para identificação dos artigos cuja temática apresentou relação efetiva com o objeto de estudo. Nesse processo, também foram adotados os seguintes critérios de exclusão: publicações em forma de teses, dissertações e livros, artigos publicados fora do período de análise, artigos relacionados ao contexto internacional e que não abordaram diretamente o tema deste estudo, conforme expresso na **Figura 1**. Ao todo, foram excluídos 201 artigos; 15 trabalhos constituíram, portanto, o universo de artigos analisados neste estudo.

Na terceira etapa, os artigos foram lidos e organizados com base numa matriz que buscou analisar o conteúdo abordado sobre a formação em nutrição, considerando as seguintes categorias analíticas: (1) público-alvo, a partir do qual o estudo foi desenvolvido; (2) dimensão da formação em nutrição, que foi alvo de análise; e (3) conteúdo do conhecimento produzido nos artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos artigos cotejados nesta revisão expressa o crescimento das publicações na área a partir do ano de 2009, demonstrando uma maior preocupação com a formação em saúde e uma reflexão mais ampla sobre esse tema nos últimos anos. De um modo geral, as discussões giraram em torno das matrizes curriculares dos cursos e, de forma predominante,

verteram sobre a área de nutrição social/saúde coletiva, que corresponde a uma subárea de conhecimento dos cursos e de atuação profissional.

Com referência à categoria “público-alvo”, percebeu-se uma distribuição igualitária dos artigos que realizaram estudos na perspectiva dos profissionais, dos docentes e dos representantes de cursos (coordenadores de colegiados). Por outro lado, chamaram atenção duas questões relacionadas a esta última categoria: a primeira delas diz respeito ao fato de que a maioria dos estudos utiliza apenas um sujeito do cenário formativo. A segunda é que apenas dois artigos forneceram informações oriundas dos estudantes, por meio do uso da perspectiva de mais de um sujeito^{6,7}.

Importa ressaltar que cada sujeito agrega um valor singular a partir do lugar que ocupa ou ocupou na formação e da experiência promovida por essa formação. Assim, o profissional egresso pode realizar uma formulação analítica que confronta as competências requeridas no mundo do trabalho com aquelas forjadas no processo formativo; já os docentes e gestores agregam o valor dos desafios e limites institucionais evidenciados em sua experiência e atuação coletiva; de outra forma, os estudantes podem aportar informações sobre os desafios que se impõem ao ambiente acadêmico na perspectiva daqueles aos quais se destina a formação, tomando como base os sentidos atribuídos às competências, habilidades e atitudes. A escuta desses atores sociais, todavia, parece não ter assumido relevância no material analisado, como foi possível perceber pelo número reduzido de estudos que tomaram os estudantes como sujeitos avaliativos do processo formativo; por conseguinte, torna-se premente desvincular-se de análises normativas sobre a formação profissional e debruçar-se sobre um currículo vivo, articulando movimentos institucionais, interações e visões de todos os atores sociais que integram o cenário formativo.

No que diz respeito à categoria “dimensão da formação”, observou-se que os estudos se voltaram para três direções de análise: estrutura dos cursos a partir de suas bases normativas, prática e/ou formação pedagógica dos docentes e lugar que a saúde coletiva ocupa na formação em nutrição. Outros enfoques foram encontrados de forma mais dispersa.

O lugar que a saúde coletiva ocupa na formação em nutrição foi foco recorrente do material analisado. Neste grupo, estão os estudos que discutem a formação do nutricionista para atuação nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (Nasf)⁸; a abordagem da formação de profissionais atuantes no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)^{9,10}; a contribuição da Matriz de Ações de Alimentação e Nutrição na Atenção Básica de Saúde (Maanabs) para formação em nutrição¹¹; a formação em saúde pública na graduação em nutrição^{12,7}; a formação

em saúde coletiva do curso de uma universidade pública¹³; e, por fim, a relação entre teoria e prática de um componente curricular da área de saúde coletiva¹⁴.

No que se refere ao último quesito, é de se destacar que a graduação em nutrição, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), possui três subáreas de conhecimento e de atuação: unidade de alimentação e nutrição (UAN), clínica e saúde coletiva. A análise da produção científica expressou certa centralidade assumida por estudos relativos à subárea da saúde coletiva na reflexão sobre a formação. Não foram encontrados artigos que abordassem as áreas de clínica ou de UAN, talvez porque os parâmetros adotados para busca nas bases de dados não tenham facilitado o acesso aos estudos sobre essas áreas.

De todo modo, as reflexões sobre a formação podem ser expressivas da necessidade de uma maior convergência entre a formação em saúde e os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), tal como sinalizado nas DCN. É provável que a saúde coletiva seja a área de formação que mais tem problematizado as demandas de reformulação ou inovação curricular por ser a mais alinhada ao SUS. Por outro lado, esse resultado faz supor a incipiente problematização da organização curricular vigente e o *modus operandi* pedagógico nas subáreas de conhecimento de clínica e de UAN.

A categoria “dimensão da formação” foi dividida em subcategorias em decorrência das especificidades de alguns recortes que merecem destaque. Na análise dos artigos, portanto, três subcategorias de análise dos temas foram centrais: (1) formação/prática docente; (2) formação tradicional; (3) proposições e experiências na reformulação curricular.

No estudo de Luz et al.¹⁵, a formação do quadro docente é apresentada como uma questão central, com grandes reflexos na formação do nutricionista. Para esses autores, a maioria dos docentes dos cursos de nutrição não está devidamente capacitada para a docência por ter recebido uma formação voltada para o aprendizado de procedimentos e por ter tido pouco acesso a conhecimentos do campo da educação que os habilitassem como facilitadores do processo ensino-aprendizagem. Em virtude dessa característica das formações e do fato de os programas de pós-graduação *stricto sensu* focarem na formação de pesquisadores, com pouca ênfase na formação para a docência¹⁶, os docentes pautam suas práticas de ensino em experiências de seus antecessores¹⁷.

Costa e Ribeiro¹⁸ descrevem que os docentes participantes de sua pesquisa revelaram dificuldades para implantar metodologias ativas de ensino-aprendizagem, para avaliar competências e habilidades e, também, para integrar as atividades de ensino com as de pesquisa e extensão. Esses dados corroboram a análise de Mitre et al.¹⁹, para os quais, historicamente, a formação dos docentes da área da saúde está baseada em metodologias

tradicionais e conservadoras. A incipiente formação pedagógica dos docentes também constitui um desafio de outros cursos profissionalizantes do campo da saúde²⁰. Destarte, um conjunto de fatores conflui na manutenção de uma prática pedagógica de base tradicional, isolada e hierárquica, questão esta que será detalhada mais adiante.

Vale ressaltar que oito dos artigos cotejados abordaram essas questões, que representam a temática mais recorrente desta revisão. Assim, a formação tradicional demonstrou ser uma problemática importante no campo da nutrição no país. A denominação formação tradicional engloba artigos que versaram sobre o tema empregando os seguintes termos: “ensino tradicional”, “pedagogia tradicional”, “lógica tradicional”. Embora os artigos não fornecessem uma clara definição de cada um desses termos, foi possível perceber que os autores se reportaram a características comuns à formação, tais como processo ensino-aprendizado centrado no professor, transmissão vertical do conteúdo, fragmentação e especialização do conhecimento e ênfase na aquisição de habilidades procedimentais. Essa conformação é reveladora das teorias pedagógicas não críticas²¹, cuja ênfase está no professor (tradicional) ou em técnicas e instrumentos (tecnicista).

Os estudos apontam características da formação do nutricionista, a saber: concepção de construção de conhecimento positivista, que compreende a organização dos processos de ensino “de forma linear, do teórico para o prático e do ciclo básico para o profissionalizante”^{7:640}; atividades práticas restritas ao momento do estágio, com supervalorização da teoria frente à prática e ausência de reflexão da teoria no momento da prática¹⁴; salas de aula consideradas como espaço de aprendizagem central na formação²²; conteúdos teóricos precedendo o contato com a prática, de forma desarticulada²³. Os estudos revelam, todavia, que a introdução do estudante na prática *per se* não garante uma formação crítica e transformadora²⁴.

Outras questões bastante debatidas nos artigos foram a ênfase no modelo pedagógico tradicional^{9,25}; os processos de revisão curricular centrados no remanejamento de disciplinas no currículo⁸; a exígua inserção da integralidade no processo formativo; a necessidade de introdução de metodologias ativas de aprendizado junto à diversificação de cenários de práticas ao longo de todo processo de ensino-aprendizagem⁷; e a incipiente incorporação das políticas públicas de saúde, a exemplo de PNAE e Nasf, nos currículos^{9,12}.

A análise de Aguiar e Costa⁸ converge com a dos autores supracitados quando revela que apenas 31,8% das nutricionistas que fizeram parte de sua pesquisa sentiam-se capacitadas para atuar com base em reflexões acerca da realidade econômica, política, social e cultural do país. As entrevistadas atribuíram as dificuldades apresentadas ao destaque dado para conteúdos técnicos durante a formação profissional em nutrição, consequência de uma tendência da

formação em privilegiar as áreas da nutrição clínica e da alimentação coletiva, mesmo havendo um crescimento da atuação no setor da saúde coletiva¹⁰. Outra questão apontada pelas autoras diz respeito à falta de integração entre os componentes profissionalizantes e os de ciências humanas, estes últimos majoritariamente ofertados por professores de outras áreas, oriundos de outros departamentos e que, muitas vezes, desconhecem o objetivo do curso e as atribuições dos profissionais de nutrição²².

Evidencia-se a necessidade de se repensar a formação do nutricionista, principalmente no que se refere ao paradigma que fundamenta sua formação, atentando-se para o fato de que essas mudanças não serão feitas por alguns componentes da área de ciências humanas, e sim pela alteração da filosofia que norteia o curso. Sugere-se que os modelos de ensino das ciências sociais e da clínica, de forma isolada, não dão conta das necessidades da formação, “[...] uma vez que priorizam exclusivamente ou o polo reflexivo ou o prático e nossa práxis exige métodos prático-reflexivos em diferentes cenários formativos”^{26:1054}. Esse parece ser um dos desafios necessários para a superação desse modelo vigente e para a implantação de uma formação mais humanizada, com nutricionistas e outros profissionais de saúde socialmente comprometidos, capazes de atender às reais demandas da população.

Para além do caráter marginal das ciências sociais na formação em saúde, cabe sublinhar que, mesmo com os temas introduzidos no currículo, não há garantia de mudanças nos princípios que norteiam os cursos, orientados pelo modelo da medicina científica. Nesse sentido, o modelo de formação tradicional parece estar aliado ao modelo da medicina científica, caracterizado “[...] pelo biologicismo e mecanicismo das práticas assistenciais, pela especialização do conhecimento, pela negação do saber popular e das práticas alternativas de cuidado, bem como pela ênfase na cura e na medicalização da sociedade”^{1:321}.

Amparo-Santos et al.²⁷ relatam parte da experiência do processo de implementação do Projeto Pedagógico do Curso de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, apresentando propostas que contribuam para uma formação com vistas a atender às novas demandas sociais. As proposições foram redução dos pré-requisitos, aproveitamento das atividades extracurriculares, adoção de estratégias educacionais que posicionem os estudantes como protagonistas e enfatizem a construção do conhecimento, e realização do processo de avaliação de desempenho do estudante de forma individual, processual e contínua. Junqueira e Cotta¹¹ avaliam a contribuição da Matriz de Ações de Alimentação e Nutrição na Atenção Básica de Saúde e concluem que esse instrumento pode constituir-se como elemento dinamizador de avanços na formação em nutrição no contexto da educação por competências, uma vez que

serve de referencial de ações, competências e habilidades, e favorece a formação de indivíduos mais capazes de lidar com as necessidades da população com base nos princípios do SUS.

Por outra via de discussão, Medeiros et al.²⁸ aludem que o aumento da carga horária mínima nos cursos de nutrição não garante uma melhoria na formação. Faz-se necessária uma reflexão acerca do perfil profissional dos nutricionistas, levando em conta os papéis que esse profissional assume no mundo do trabalho e, principalmente, uma revisão dos modelos de currículos que prevalecem nos cursos; de forma mais ampla, urge também uma revisão dos programas de ensino superior brasileiro.

Com base na análise das categorias discutidas, é possível verificar que a maioria dos estudos reflete sobre as limitações presentes na formação em nutrição, tais como: escasso diálogo com as ciências humanas; incipiente articulação entre teoria e prática; ênfase no biologicismo e no tecnicismo. Um conjunto de artigos, por outro lado, apresenta propostas e caminhos pelos quais se objetiva a superação dos limites apontados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos limites apresentados pelos estudos reunidos nesta pesquisa bibliográfica, foi possível perceber que os cursos de graduação em nutrição, de um modo geral, são presididos pelo modelo tradicional de formação, pautado numa racionalidade tecnicista e biologicista divorciada da realidade e dos contextos de prática, caracterizado pela dicotomia entre teoria e prática e pela incipiente formação sócio-histórica e política, centrado numa prática pedagógica docente tradicionalista. A partir das argumentações apresentadas, pode-se reconhecer também que essas limitações representam uma crise que se assenta tanto no campo da saúde como no da educação, e que conduz, por sua vez, a uma convergência das necessidades de mudanças em ambas as áreas²⁹.

É importante ressaltar que alterações isoladas, como mudanças metodológicas ou oferta de componentes curriculares, conforme argumentação dos autores que compuseram o presente cotejamento analítico, parecem não ser capazes de produzir os efeitos desejados. Em que pese o reconhecimento de avanços nas DCN³⁰ no âmbito das formações em saúde, as quais firmam o propósito de uma formação dirigida ao atendimento das necessidades sociais de saúde da população e de compromisso com o SUS, seu desdobramento em currículos inovadores foi pouco expressivo. Seguramente, há um conjunto de variáveis que incidem sobre a pouca reprodutibilidade das DCN na consecução de currículos concretos, condizentes com suas bases conceituais. É possível supor que as DCN favoreceram rearranjos curriculares mais focados na inserção de componentes curriculares com aporte de conteúdos requeridos em sua

base normativa, mas que não alteram estruturalmente o referencial da formação sustentado na profissionalização e, portanto, centrado no conhecimento técnico. Para Almeida Filho³¹, esse referencial conduz, na melhor das hipóteses, à formação de técnicos competentes, mas pouco engajados com as questões de saúde pública.

Por fim, os resultados deste estudo permitem supor que os desafios no campo da formação em nutrição se dirigem à constituição de projetos pedagógicos mais integrados entre os campos de saber que conformam à graduação em nutrição e em saúde de modo geral e, ainda, à reformulação das práticas de ensino-aprendizagem.

No cenário dos últimos dez anos, podem-se reconhecer estratégias para a superação desses desafios, dentre as quais se destacam: os programas governamentais que buscaram reforçar a articulação entre as instituições formadoras e os serviços de saúde, com vistas a corrigir o descompasso entre a orientação da formação dos profissionais de saúde e os princípios, diretrizes e necessidades do SUS, a exemplo do AprenderSUS, do Viver-SUS, do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) e do Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde)³²; e a criação dos bacharelados interdisciplinares, como primeiro ciclo de formação, que têm sido considerados uma alternativa para a superação das fragilidades dos cursos profissionalizantes tradicionais³³.

Para concluir, cumpre salientar que as fragilidades mencionadas nesses estudos convergem para características comuns, ainda que com algumas especificidades do campo da saúde. Destarte, parecem corresponder a desafios que atravessam a formação universitária de um modo geral, visto que remetem ao modo de organização curricular e à formação pedagógica dos docentes. Para além de propostas de superação isoladas, portanto, são necessárias reflexões mais abrangentes sobre a formação universitária vigente no contexto brasileiro.

COLABORADORES

1. Concepção do projeto, análise e interpretação dos dados: Ludmylla de Souza Valverde, Adriana Miranda Pimentel e Micheli Dantas Soares.

2. Redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Ludmylla de Souza Valverde, Adriana Miranda Pimentel e Micheli Dantas Soares.

3. Revisão e/ou aprovação final da versão a ser publicada: Ludmylla de Souza Valverde, Adriana Miranda Pimentel e Micheli Dantas Soares.

4. Ser responsável por todos os aspectos do trabalho na garantia da exatidão e integridade de qualquer parte da obra: Ludmylla de Souza Valverde, Adriana Miranda Pimentel e Micheli Dantas Soares.

REFERÊNCIAS

1. Pereira IDF, Lages I. Diretrizes curriculares para a formação de profissionais de saúde: competências ou práxis? *Trab Educ Saúde*. 2013;11(2):310-38.
2. Ceccim RB. Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário. *Interface*. 2005;9(16):161-77.
3. Silveira JLGC. A formação na área da saúde para além da profissionalização. In: Andrade MRS, Silva CRLD, Silva A, Finco M, organizadores. *Formação em saúde: experiências e pesquisas nos cenários de prática, orientação teórica e pedagógica*. Blumenau (SC): Edifurb; 2011. p. 75-85.
4. Ceccim RB, Feuerwerker LCM. Mudança na graduação das profissões de saúde sob o eixo da integralidade. *Cad Saúde Pública*. 2004;20(5):1400-10.
5. Canesqui AM. *Ciências sociais e saúde no Brasil*. 2a ed. São Paulo (SP): Hucitec; 2011.
6. Banduk MLLS, Ruiz-Moraes L, Batista NA. A construção da identidade profissional na graduação do nutricionista. *Interface*. 2009;13(28):111-20.
7. Pinheiro ARO, Recine E, Alencar B, Fagundes AA, Sousa JS, Monteiro RA, Toral N. Percepção de professores e estudantes em relação ao perfil de formação do nutricionista em saúde pública. *Rev Nutr*. 2012;25(5):631-43.
8. Aguiar CB, Costa NMSC. Formação e atuação de nutricionistas dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família. *Rev Nutr*. 2015;28(2):207-16.
9. Santana TCM, Ruiz-Moreno L. Formação do nutricionista atuante no Programa Nacional de Alimentação Escolar. *Nutrire*. 2012;37(2):183-98.
10. Honório ARF, Batista SH. Percepções e demandas de nutricionistas da alimentação escolar sobre sua formação. *Trab Educ Saúde*. 2015;13(2):473-92.
11. Junqueira TS, Cotta RMM. Matriz de ações de alimentação e nutrição na Atenção Básica de Saúde: referencial para a formação do nutricionista no contexto da educação por competências. *Ciênc Saúde Colet*. 2014;19(5):1459-74.
12. Recine E, Gomes RCF, Fagundes AA, Pinheiro ARO, Teixeira BA, Sousa JS, et al. A formação em saúde pública nos cursos de graduação de nutrição no Brasil. *Rev Nutr*. 2012;25(1):21-33.
13. Neves J, Sousa AA, Vasconcelos FAG. Formação em nutrição em saúde coletiva na Universidade Federal de Santa Catarina: reflexões sobre o processo de ensino para fortalecer o Sistema Único de Saúde. *Rev Nutr*. 2014;27(6):761-73.
14. Franco AC, Boog MCF. Relação teoria-prática no ensino de educação nutricional. *Rev Nutr*. 2007;20(6):643-55.

15. Luz MMA, Romero ABR, Brito AKS, Batista LPR, Nogueira LT, Santos MM, Martins MCC. A formação do profissional nutricionista na percepção do docente. *Interface*. 2015;19(54):589-601.
16. Batista NA. Desenvolvimento docente na área da saúde: uma análise. *Trab Educ Saúde*. 2005;3(2):283-94.
17. Costa NMSC. Formação pedagógica de professores de nutrição: uma omissão consentida? *Rev Nutr*. 2009;22(1):97-104.
18. Costa EQ, Ribeiro VMB. Análise de um processo de reforma curricular vivenciado por professores formadores de nutricionistas. *Ciênc Educ*. 2012;18(3):657-73.
19. Mitre SM, Siqueira-Batista R, Girardi-de-Mendonça JM, Moraes-Pinto NM, Meirelles CAB, Pinto-Porto C, et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. *Ciênc Saúde Colet*. 2008;13(supl. 2):2133-44.
20. Baltazar MMM, Mysés SJ, Bastos CCBC. Profissão, docente de odontologia: o desafio da pós-graduação na formação de professores. *Trab Educ Saúde*. 2010;8(2):285-303.
21. Saviani D. A pedagogia histórico-crítica. *Rev Binac Bras Argent*. 2014;3(2):11-36.
22. Amorim STSP, Moreira H, Carraro TE. A formação de pediatras e nutricionistas: a dimensão humana. *Rev Nutr*. 2001;14(2):111-8.
23. Hora DL, Erthal RMC, Souza CTV, Hora EL. Propostas inovadoras na formação do profissional para o Sistema Único de Saúde. *Trab Educ Saúde*. 2013;11(3):471-86.
24. Silva JPV, Tavares CMM. Integralidade: dispositivo para a formação crítica de profissionais de saúde. *Trab Educ Saúde*. 2004;2(2):271-85.
25. Conterno SFR, Lopes RE. Inovações do século passado: origens dos referenciais pedagógicos na formação profissional em saúde. *Trab Educ Saúde*. 2013;11(3):503-23.
26. Barros NF. O ensino das ciências sociais em saúde: entre o aplicado e o teórico. *Ciênc Saúde Colet*. 2014;19(4):1053-64.
27. Amparo-Santos LS, Silva MCM, Santos JM, Assunção MP, Portela ML, Soares MD, et al. Projeto pedagógico do programa de graduação em nutrição da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia: uma proposta em construção. *Rev Nutr*. 2005;18(1):105-17.
28. Medeiros MAT, Amparo-Santos L, Domene SMA. A formação de nutricionistas no Brasil: notas para o debate sobre carga horária mínima para integralização curricular dos cursos de graduação. *Rev Nutr*. 2013;26(5):583-93.

29. Demétrio F, Alves VS, Brito SM. Bacharelado interdisciplinar em saúde: a concepção positiva de saúde como referencial teórico (RE) orientador do modelo de formação. In: Santana LAA, Oliveira RP, Meireles E, editores. Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB: inovações curriculares, formação interprofissional integrada e em ciclos. Cruz das Almas (BA): EDUFRB; 2016. p. 57-76.
30. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES nº 5, de 7 de novembro de 2001. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em nutrição. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília (DF); 2001 nov 9. Seção 1, p. 39.
31. Almeida Filho NM. Prefácio. In: Teixeira CFS, Coelho MT, organizadores. Uma experiência inovadora no ensino superior: bacharelado interdisciplinar em saúde. Salvador (BA): Edufba; 2014.
32. Brasil. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde – Pró-Saúde: objetivos, implementação e desenvolvimento potencial. Brasília (DF); 2007. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/3028.pdf>
33. Lima M, Coutinho D, Freitas J, Dahia I, Amazonas O, Alencar H. Bacharelados interdisciplinares da Universidade Federal da Bahia: considerações sobre a implantação do projeto. Athenea Digital. 2015;15(3):127-47.

Recebido: 18.5.2019. Aprovado: 31.7.2020.